

Portaria n.º 93/2015**de 27 de março**

A Portaria n.º 248-A/2014, de 26 de novembro, procedeu à aplicação dos resultados líquidos do exercício de 2013 do ICP — Autoridade Nacional de Comunicações (ICP-ANACOM), tendo determinado que 85 % de tais resultados, no montante de € 21.039.485,00, constitui receita geral do Estado. A referida portaria estabeleceu ainda que, daquele montante, o valor de € 8.058.741,32 seria aplicado em diploma próprio.

Os Estatutos da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), aprovados pela Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, preveem, na alínea g) do artigo 50.º, que constituem receitas da ERC as receitas que lhe venham a ser atribuídas por lei.

Por seu turno, o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 103/2006, de 7 de junho, que aprova o Regime de Taxas da ERC, alterado pelo Decreto-Lei n.º 70/2009, de 31 de março, dispõe que é anualmente fixado, por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, das obras públicas, transportes e comunicações e da comunicação social, o montante a transferir para a ERC por conta dos resultados líquidos de cada exercício anual do ICP-ANACOM entregues como receita geral do Estado nos termos da lei.

Assim, ao abrigo da alínea g) do artigo 50.º dos Estatutos da ERC, aprovados pela Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, e do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 103/2006, de 7 de junho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 70/2009, de 31 de março, manda o Governo, pela Ministra de Estado e das Finanças e pelos Ministros Adjunto e do Desenvolvimento Regional e da Economia, o seguinte:

Artigo 1.º**Objeto**

A presente portaria procede à fixação do montante a transferir para a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) por conta dos resultados líquidos do exercício de 2013 do ICP — Autoridade Nacional de Comunicações (ICP-ANACOM) entregues como receita geral do Estado e determina ao ICP-ANACOM que deposite parte dos respetivos resultados líquidos do exercício de 2013 nos cofres do Tesouro, a qual será imediatamente transferida para a ERC.

Artigo 2.º**Montante a transferir para a ERC relativo ao ano de 2013**

É fixado em € 1.000.000,00 o montante a transferir para a ERC, por conta dos resultados líquidos do ICP-ANACOM relativos ao ano orçamental de 2013, que constituem receita geral do Estado, nos termos da alínea a) do n.º 1 e do n.º 3 do artigo 2.º da Portaria n.º 248-A/2014, de 26 de novembro.

Artigo 3.º**Transferências**

1 — O montante a que se refere o artigo anterior deve ser depositado pelo ICP-ANACOM nos cofres do Tesouro com a entrada em vigor da Portaria.

2 — O montante depositado pelo ICP-ANACOM nos cofres do Tesouro, nos termos do número anterior, é imediatamente transferido para a ERC.

Artigo 4.º**Entrada em vigor**

A presente portaria entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

A Ministra de Estado e das Finanças, *Maria Luís Casanova Morgado Dias de Albuquerque*, em 23 de março de 2015. — O Ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional, *Luís Miguel Poiares Pessoa Maduro*, em 12 de março de 2015. — O Ministro da Economia, *António de Magalhães Pires de Lima*, em 11 de março de 2015.

MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DA ECONOMIA**Portaria n.º 94/2015****de 27 de março**

Através do Decreto-Lei n.º 162/2014, de 31 de outubro, o Governo aprovou um novo Código Fiscal do Investimento, com o objetivo de intensificar o apoio ao investimento, favorecendo o crescimento sustentável, a criação de emprego e contribuindo para o reforço da estrutura de capital das empresas.

Neste âmbito, foi estabelecido o regime de benefícios fiscais contratuais ao investimento produtivo, que constitui um regime de auxílios de estado com finalidade regional, aprovado nos termos do Regulamento (UE) n.º 651/2014, de 16 de junho de 2014, que declara certas categorias de auxílio compatíveis com o mercado interno, em aplicação dos artigos 107.º e 108.º do Tratado, publicado no *Jornal Oficial da União Europeia*, n.º L 187, de 26 de junho de 2014 (adiante Regulamento Geral de Isenção por Categoria ou RGIC).

Nestes termos, torna-se necessária a regulamentação de determinados aspetos do regime de benefícios fiscais contratuais ao investimento produtivo, nomeadamente com vista à plena aplicação, neste âmbito, das regras já decorrentes da legislação europeia em matéria de auxílios estatais, nomeadamente o RGIC e, relativamente aos benefícios fiscais sujeitos a notificação à Comissão Europeia, as orientações relativas aos auxílios com finalidade regional para o período 2014-2020, publicadas no *Jornal Oficial da União Europeia*, n.º C 209, de 23 de julho de 2013.

Adicionalmente, nos termos do disposto no artigo 5.º do Código Fiscal do Investimento, constitui condição de elegibilidade de concessão dos benefícios fiscais a demonstração do efeito de incentivo dos mesmos, a qual deve ser, em determinados casos, efetuada através de formulário a aprovar por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da economia.

Assim:

Manda o Governo, pela Ministra de Estado e das Finanças e pelo Ministro da Economia, ao abrigo dos artigos 2.º a 21.º do Código Fiscal do Investimento, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 162/2014, de 31 de outubro, o seguinte:

Artigo 1.º**Objeto**

1 — A presente portaria procede à regulamentação do regime de benefícios fiscais contratuais ao investimento

produtivo, estabelecido no Capítulo II do Código Fiscal do Investimento, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 162/2014, de 31 de outubro, assegurando a aplicação integral das regras previstas no Regulamento (UE) n.º 651/2014, de 16 de junho de 2014, que declara certas categorias de auxílio compatíveis com o mercado interno, em aplicação dos artigos 107.º e 108.º do Tratado, publicado no *Jornal Oficial da União Europeia*, n.º L 187, de 26 de junho de 2014 (adiante Regulamento Geral de Isenção por Categoria ou RGIC), ao abrigo do qual foi aprovado e, quando aplicável, das orientações relativas aos auxílios com finalidade regional para o período 2014-2020, publicadas no *Jornal Oficial da União Europeia*, n.º C 209, de 23 de julho de 2013 (adiante OAR).

2 — É ainda aprovado o formulário destinado à demonstração do efeito de incentivo dos benefícios fiscais a que se refere o artigo 5.º do Código Fiscal do Investimento, que se publica em anexo à presente portaria e que corresponde ao Anexo III do formulário que integra o processo de candidatura aos benefícios fiscais, previsto no artigo 15.º do mesmo diploma.

Artigo 2.º

Demonstração do efeito de incentivo

Nos casos em que o montante ajustado dos auxílios, calculado de acordo com o mecanismo definido no parágrafo 20 do artigo 2.º do RGIC, ultrapasse o limiar de notificação previsto na alínea *a*) do n.º 1 do artigo 4.º do RGIC, bem como nos casos previstos no artigo 5.º da presente portaria, deve ser demonstrado que, relativamente aos benefícios fiscais contratuais ao investimento produtivo, se verifica um dos seguintes cenários:

a) O benefício fiscal, individualmente considerado ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional concedidos ao investimento ou projeto de investimento em questão, incentiva a adoção de uma decisão de investimento positiva, uma vez que, de outra forma, o investimento não seria suficientemente rentável para que o promotor o realizasse na região em causa (Cenário 1 — Decisão de investimento); ou

b) O benefício fiscal, individualmente considerado ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional concedidos ao investimento ou projeto de investimento em questão, incentiva a realização do investimento projetado na região em causa em detrimento de outra, visto compensar as desvantagens e os custos líquidos associados à respetiva implantação nessa região (Cenário 2 — Decisão de localização).

Artigo 3.º

Documentação

1 — Para efeitos da demonstração do efeito de incentivo como tal definido nos termos do artigo anterior, o promotor deve preencher o formulário a que se refere o artigo 5.º do Código Fiscal do Investimento, aprovado em anexo à presente portaria, devendo selecionar o cenário aplicável de entre os referidos nas alíneas *a*) e *b*) do artigo anterior, bem como justificar a seleção efetuada.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, o promotor deve apresentar uma descrição detalhada do cenário contrafactual, do qual conste informação sobre a situação em que não houvesse lugar à concessão dos auxílios de Estado com finalidade regional.

3 — Para efeitos do número anterior, o promotor deverá demonstrar a existência do efeito de incentivo mediante a apresentação de informações relativas ao cenário contrafactual, designadamente no que se refere ao investimento, financiamento, demonstração de resultados e demais elementos:

a) Que comprovem que o investimento não seria suficientemente rentável sem os benefícios fiscais, individualmente considerados ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional concedidos ao investimento ou projeto de investimento em questão, quando seja aplicável o cenário referido na alínea *a*) do artigo anterior; ou

b) Que comparem os custos e os benefícios inerentes à localização na região em causa com os inerentes a uma região alternativa, quando esteja em causa o cenário referido na alínea *b*) do artigo anterior.

4 — As empresas que não se enquadrem na categoria das micro, pequenas e médias empresas, tal como definidas na Recomendação da Comissão de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas devem apresentar documentos que comprovem o cenário contrafactual, juntamente com a candidatura a que se refere o artigo 15.º do Código Fiscal do Investimento.

5 — As entidades referidas no n.º 1 do artigo 15.º do Código Fiscal do Investimento podem solicitar aos promotores informações adicionais às previstas nos termos dos números anteriores, bem como documentação, suscetíveis de comprovar que se encontram preenchidos os requisitos previstos nos parágrafos 69 a 93 das OAR.

Artigo 4.º

Âmbito de aplicação

1 — Para efeitos da determinação do âmbito sectorial de aplicação do regime de benefícios fiscais contratuais estabelecido na Portaria n.º 282/2014, de 30 de dezembro aplicam-se as definições relativas a atividades económicas estabelecidas no artigo 2.º do RGIC.

2 — Para efeitos do disposto na alínea *f*) do n.º 1 do artigo 3.º do Código Fiscal do Investimento, o conceito de «empresa em dificuldade» deve ser interpretado nos termos do parágrafo 18 do artigo 2.º do RGIC.

Artigo 5.º

Notificação à Comissão Europeia

1 — Para efeitos do disposto no artigo 7.º do Código Fiscal do Investimento, é ainda notificada à Comissão Europeia:

a) Nos termos do parágrafo 23 das OAR, a concessão de benefícios fiscais a uma empresa que tenha encerrado a mesma atividade ou uma atividade semelhante no Espaço Económico Europeu nos dois anos que antecedem a apresentação da candidatura prevista no artigo 15.º do mesmo Código ou, na data de apresentação da mesma, tenha planos concretos para encerrar essa atividade no prazo máximo de dois anos após a conclusão do investimento inicial para o qual os benefícios fiscais são requeridos na região em causa;

b) Nos termos do parágrafo 24 das OAR, a concessão de benefícios fiscais a uma empresa que não se enquadre

na categoria das micro, pequenas e médias empresas, tal como definidas na Recomendação 2003/361/CE, da Comissão, de 6 de maio de 2003, para a diversificação de um estabelecimento através da produção de novos produtos ou da adoção de inovações nos processos produtivos numa das regiões elegíveis para auxílios nos termos da alínea *c*) do n.º 3 do artigo 107.º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia, constantes da tabela do artigo 43.º do Código Fiscal do Investimento.

2 — Sem prejuízo do disposto no artigo 1.º da Portaria n.º 282/2014, de 30 de dezembro, nos termos do parágrafo 10 das OAR, são elegíveis para concessão de benefícios fiscais os projetos de investimento que tenham por objeto as atividades económicas da construção, reparação ou transformação navais, tal como definidas nos termos do Enquadramento dos auxílios estatais à construção naval, publicado no *Jornal Oficial da União Europeia*, n.º C 364, de 14 de dezembro de 2012, desde que notificados à Comissão Europeia.

3 — Para efeitos do disposto na alínea *a*) do n.º 1, bem como no n.º 4 do artigo 4.º do Código Fiscal do Investimento, considera-se «a mesma atividade ou atividade semelhante», uma atividade que se insere na mesma classe, composta por quatro dígitos, da Classificação Portuguesa de Atividades Económicas, Revisão 3 (CAE-Rev. 3), aprovada pelo Decreto-Lei n.º 381/2007, de 14 de novembro.

4 — Nos casos previstos na alínea *a*) do n.º 1, a concessão de benefícios fiscais é notificada à Comissão Europeia ainda que as situações aí previstas se verifiquem ou se tenham verificado relativamente a outra empresa do mesmo grupo da empresa beneficiária.

5 — Para efeitos do disposto na presente portaria, considera-se que duas ou mais empresas pertencem a um mesmo grupo quando, em resultado de uma relação de participação, de contrato, ou de outros factos, atuem como uma única entidade económica sujeita a um controlo comum.

Artigo 6.º

Limites máximos aplicáveis

1 — Para efeitos do apuramento dos limites máximos dos benefícios fiscais contratuais ao investimento produtivo, previstos no artigo 10.º do Código Fiscal do Investimento:

a) Qualquer investimento inicial iniciado pelo mesmo beneficiário, incluindo qualquer empresa do mesmo grupo, num período de três anos a contar da data de início dos trabalhos de um outro projeto de investimento relativamente ao qual tenham sido concedidos benefícios fiscais ou qualquer outro auxílio de Estado com finalidade regional na mesma região de nível 3 da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS) deve ser considerado parte de um projeto de investimento único;

b) O valor dos benefícios fiscais concedidos nos termos do contrato referido no artigo 16.º do Código Fiscal do Investimento bem como das aplicações relevantes nos termos do artigo 11.º do mesmo diploma corresponde ao seu valor atualizado reportado ao momento da celebração do contrato;

c) O valor atualizado dos benefícios fiscais é determinado com base nas taxas de atualização aplicáveis nos vários momentos em que os benefícios fiscais são utilizados, tal como estabelecido na Comunicação da Comissão sobre a revisão do método de fixação das taxas de referência e de atualização publicada no *Jornal Oficial da União Europeia*, n.º C 14, de 19 de janeiro de 2008.

2 — Nas situações previstas no artigo 7.º do Código Fiscal do Investimento, bem como nos casos previstos nos n.ºs 1 e 2 do artigo anterior, tratando-se de um grande projeto de investimento, como tal definido na alínea *l*) do parágrafo 20 das OAR, o montante total dos auxílios de Estado com finalidade regional não pode exceder o limite previsto na alínea *c*) do parágrafo 20 das OAR, salvo quando obtida autorização da Comissão Europeia.

Artigo 7.º

Aplicações relevantes

1 — Nos casos em que o projeto de investimento inicial respeite a uma alteração fundamental do processo de produção, o montante das aplicações relevantes deve exceder o montante das amortizações e depreciações dos ativos associados à atividade a modernizar contabilizadas nos três períodos de tributação anteriores ao do início da realização do projeto de investimento.

2 — Nos casos em que o projeto de investimento inicial consista na diversificação da atividade de um estabelecimento existente, as aplicações relevantes devem exceder em, pelo menos, 200 % o valor líquido contabilístico dos ativos que são reutilizados, tal como registado no período de tributação anterior ao do início da realização do projeto de investimento.

3 — Para efeitos do disposto na alínea *b*) do n.º 1 do artigo 11.º do Código Fiscal do Investimento, independentemente da forma que assuma o projeto de investimento inicial, apenas se consideram aplicações relevantes os ativos aí previstos que sejam:

a) Exclusivamente utilizados no estabelecimento objeto dos benefícios fiscais;

b) Amortizáveis, nos termos das regras contabilísticas em vigor; e

c) Adquiridos em condições de mercado a terceiros não relacionados com o adquirente.

A Ministra de Estado e das Finanças, *Maria Luís Casanova Morgado Dias de Albuquerque*, em 24 de março de 2015. — O Ministro da Economia, *António de Magalhães Pires de Lima*, em 23 de março de 2015.

**ANEXO III - Justificação do Efeito Incentivo
(Instruções de Preenchimento)**

DEFINIÇÃO EFEITO INCENTIVO

(Orientações relativas aos auxílios estatais com finalidade regional, parágrafo 3.5 - JO C 209 de 23.07.2013)

Os benefícios fiscais objecto da presente candidatura - na qualidade de auxílios com finalidade regional - só podem ser considerados compatíveis com o mercado interno, e assim passíveis de aprovação, se tiverem um efeito de incentivo. Apenas existe um efeito de incentivo quando o benefício fiscal, individualmente considerado ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional, altera o comportamento de uma empresa de um modo que a leve a exercer uma atividade adicional que contribui para o desenvolvimento da região onde pretende realizar o investimento, atividade que não realizaria na ausência do auxílio ou que realizaria apenas de forma limitada ou diferente ou num outro local. Em conclusão: os benefícios fiscais a atribuir não devem subvencionar os custos de uma atividade que a empresa teria, em todo o caso, suportado, nem compensar o risco comercial normal da atividade económica a desenvolver.

A existência de um efeito de incentivo pode ser demonstrada com base em dois cenários possíveis:

- a) O benefício fiscal, individualmente considerado ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional concedidos ao investimento ou projeto de investimento em questão, incentiva a adoção de uma decisão de investimento positiva, uma vez que, de outra forma, o investimento não seria suficientemente rentável para que a empresa o realizasse na região em causa (Cenário 1 - Decisão de investimento), ou
- b) O benefício fiscal, individualmente considerado ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional concedidos ao investimento ou projeto de investimento em questão, incentiva a realização do investimento projetado na região em causa, em detrimento de outra, visto compensar as desvantagens e os custos líquidos associados à implantação nessa região (Cenário 2 - Decisão de localização).

Se o benefício fiscal, individualmente considerado ou em conjunto com outros auxílios de Estado com finalidade regional, não alterar o comportamento da empresa incentivando investimentos (adicionais) na região em causa, pode considerar-se que o mesmo investimento teria sido nela realizado, mesmo na ausência do benefício fiscal. Esse benefício fiscal carece de efeito de incentivo para alcançar o objetivo regional e não pode ser aprovado como compatível com o mercado interno.

De modo a demonstrar a existência do efeito de incentivo, o promotor deve selecionar o cenário relevante de entre os supra referidos a) e b).

No Anexo III-1 o promotor deverá incluir um texto com uma explicação relativa à seleção efectuada.

Dependendo da seleção efectuada, e caso o projeto seja notificado à Comissão Europeia (ver Nota Infra), deverá ser explicado contrafactualmente o que teria acontecido na ausência do auxílio, devendo ainda ser realizada uma das análises contrafactuais contidas nas folhas que se seguem (Anexos III - 2 e Anexo III - 3), utilizando os dados relevantes no que se refere ao Investimento, Financiamento, Demonstração de Resultados e Taxa de Retorno utilizados para efeitos de decisão sobre o projeto.

No que se refere à Demonstração de Resultados o promotor deverá fornecer uma explicação de cada um dos valores constantes desta assim como da sua evolução ao longo do tempo. Por outro lado, o promotor deverá referir em que documentos se baseou para a elaboração da análise contrafactual selecionada.

Entre estes documentos, podem ser utilizados documentos oficiais do conselho de administração, avaliações de risco (nomeadamente avaliações do risco inerente a localizações específicas), relatórios financeiros, planos de atividades internos das empresas, pareceres de peritos e outros estudos relacionados com o projeto de investimento em apreciação. A apresentação de documentos que contenham previsões sobre a procura e os custos ou previsões financeiras, bem como de documentos transmitidos a um comité de investimento em que são analisados os diversos cenários de investimento, ou ainda de documentos dirigidos às instituições financeiras, poderá também contribuir para demonstrar o efeito de incentivo.

No caso da Decisão de investimento (Cenário 1) a rentabilidade do projeto deve ser comparada com as taxas de retorno normais aplicadas pela empresa noutros projetos de investimento semelhantes. Quando essas taxas não estiverem disponíveis, a rentabilidade do projeto deve ser comparada com o custo de capital da empresa no seu conjunto ou com as taxas de retorno normalmente observadas no setor em causa.

Refira-se que o montante do auxílio não deve, ultrapassar o mínimo necessário para tornar o projeto suficientemente rentável, por exemplo, para aumentar a sua TIR para além das taxas de retorno normais aplicadas pela empresa em causa noutros projetos de investimento semelhantes ou, se for caso disso, para além do custo de capital da empresa no seu conjunto ou das taxas de retorno normalmente observadas no setor em causa.

No caso da Decisão de localização (Cenário 2) o valor atual líquido do investimento na região visada deve ser comparado com o valor atual líquido do investimento na localização alternativa. Todos os custos e benefícios relevantes devem ser tidos em conta, incluindo, por exemplo, os custos administrativos, os custos de transporte, os custos de formação não cobertos por auxílios à formação e também as diferenças salariais. Todavia, se a localização alternativa se encontrar no EEE, não devem ser tidas em conta as subvenções concedidas nessa outra localização.

Note-se que o montante de auxílio não deve ultrapassar a diferença entre o valor atual líquido do investimento na região visada e o valor atual líquido do investimento na localização alternativa.

Nota: As páginas ANEXO III-2 e ANEXO III-3 aplicam-se apenas a projetos objeto de notificação à Comissão Europeia, nos termos do Regulamento (UE) n.º 651/2014, de 16 de junho de 2014, que declara certas categorias de auxílio compatíveis com o mercado interno, em aplicação dos artigos 107.º e 108.º do Tratado e das Orientações relativas aos auxílios com finalidade regional para o período 2014-2020, publicadas no Jornal Oficial da União Europeia, n.º C 209, de 23 de julho de 2013

Justificação do Efeito Incentivo

(a preencher caso o projeto se candidate apenas a benefícios fiscais; caso o projeto se candidate também a incentivos financeiros, a demonstração do efeito de incentivo deve ser efectuada no formulário de candidatura a incentivos financeiros, nos termos nele definidos)

CENÁRIO 1 - Decisão de Investimento

CENÁRIO 2 - Decisão de Localização

	SIM	NÃO
O promotor declara não ter encerrado a mesma atividade, ou uma atividade semelhante, no Espaço Económico Europeu nos dois anos que antecedem a data de candidatura ou que não tem, à data de candidatura, planos concretos para encerrar essa atividade no prazo máximo de dois anos após a conclusão do projeto a apoiar, conforme previsto na alínea d) do artigo 13.º do Regulamento (UE) n.º 651/2014		

EFETO INCENTIVO ANÁLISE CONTRAFACULTAL - CENÁRIO 1 - Decisão de Investimento
(Preencher quer para o Cenário 1 (Decisão de Investimento) quer para o Cenário 2 (Decisão de Localização))

INVESTIMENTO

Ano de Início do Projeto	Ano de Início do Projeto												TOTAL		
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		12	
Termos															
Edifícios															
Equipamentos															
Ativo Fixo Tangível															
Patentes, licenças, direitos de conhecimento técnico não protegidos por patente															
Estudo relacionado com o projeto															
Ativo Fixo Intangível															
Total Ativo Fixo															
Outros Investimentos															
Dividendos															
Estado e Out. Ent. Públicos															
Ativo Circulante															
Financiamentos															
Financ. Investimentos															
Estado e Out. Ent. Públicos															
Passivo Circulante															
Total Fundo de Manuseio															
Invest. Em Fundo de Manuseio															
Investimento Total															

FINANCIAMENTO

Ano de Início do Projeto	Ano de Início do Projeto												TOTAL		
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		12	
Capital Social (1)															
Reservas Suplementares															
Total Fundos Próprios															
Autofinanciamento (2)															
Financiamento de Substituição de Crédito															
Emprestimos por Obrigações															
Financiamento de Sócios / Acionistas															
Suprimentos consolidados (3)															
Outros dívidas a sócios / acionistas															
Financiamentos de Investimentos															
Locação Financeira															
Financiamento Rembolsável															
Convenção em Prémio															
Contrato NPL Rembolsável															
Outros															
Total Capitais Alheios															
Financiamento Total															

(1) Novos capitais próprios
(2) Resultados Líquidos + Depreciações e Amortizações + Imparidades + Provisões
(3) Novos suprimentos a incorporar em capital próprio até ao encerramento do projeto

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO PROJECTO

RUBRICAS	Ano de Início do Projeto														
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Vendas e serviços prestados															
Subsídios e subvenções															
Contribuições imputadas de subsidiárias, associadas e empreendimentos conjuntos															
Variação nos investimentos de produção															
Transferências para a entidade entidade															
Costo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas															
Comerciais e serviços externos															
Gastos com o pessoal															
Imparidade de inventários (perdas/variáveis)															
Imparidade de dívidas a receber (perdas/variáveis)															
Provisões (aumentar/diminuir)															
Imparidade de investimentos não depreciáveis/amortizáveis (perdas/variáveis)															
Aumentar/diminuir de justo valor															
Outros rendimentos e ganhos															
Rendimentos operacionais															
Outros															
Outros ganhos e perdas															
Impostos indiretos															
Outros															
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos															
Gastos/variáveis de depreciação e de amortização															
Imparidade de investimentos depreciáveis/amortizáveis (perdas/variáveis)															
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)															
Juros e rendimentos similares obtidos															
Outros ganhos similares obtidos															
Resultado antes de impostos															
Imposto sobre o rendimento do período															
Resultado líquido do período															
Resultado das atividades descontinuadas (grupos de impostos) incluído no resultado líquido do período															

TESOURARIA

Dias	Ano de Início do Projeto														
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Prazo Médio Recebimentos das Operações															
Prazo Médio Pagamentos das Operações															
Prazo Médio Contas de Investimento Assoc. Financ.															
Recebimentos das Vendas e serviços prestados															
Recebimento de Subsídios e subvenções															
Recebimento de Outros rendimentos e ganhos															
Juros e rendimentos similares obtidos															
Recurso de Financiamento															
Entradas Totais															
Pagamentos das Operações															
Pagamento de Salários															
Pagamento de Outros Gastos e Provisões															
Costo de Investimento Ativo Fixo															
Costo de Financiamento															
Impostos															
Rendimentos Incerto															
Rendimentos Emprestimos															
Saídas Totais															
Saldo de Tesouraria															
Tesouraria Acumulada															

CASH-FLOWS Pré - Imposto Sobre o Rendimento

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Total Receitas Operacionais															
Valor Resultado															
Total Inflows															
Total Custos Operacionais															
Total Custos de Investimento															
Total Outflows															
Cash-Flow Líquido Sem Incentivos															
Cash-Flow Líquido Com Incentivos															

	TIR		Tx de Retorno Com BF	Tx de Retorno sem BF
Sem Incentivos		VAL		
Com Incentivos		Sem Incentivos		
		Com Incentivos		

CASH-FLOWS Pós - Imposto sobre o Rendimento

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Resultado Operacional antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos															
Gastos/variáveis de depreciação e de amortização															
Imparidade de investimentos depreciáveis/amortizáveis (perdas/variáveis)															
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)															
Imposto sobre o Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)															
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento)															
Depreciações, Amortizações, Imparidades, Provisões, e Justo Valor															
Total Custos de Investimento															
Valor Resultado															
Resultado Fiscal															
Cash-Flow Líquido Sem Incentivos															
Cash-Flow Líquido Com Incentivos															

	TIR		Tx de Retorno
Sem Incentivos		VAL	
Com Incentivos		Sem Incentivos	
		Com Incentivos	

EFITO INCENTIVO ANÁLISE CONTRAFACULTAL - CENÁRIO 2 - Decisão de localização (a preencher em caso de Decisão de localização)																										
LOCALIZAÇÃO ALTERNATIVA																										
PAÍS																										
INVESTIMENTO																										
Ano de Início do Projeto																										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	TOTAL												
Terraceas																										
Edifícios																										
Equipamentos																										
Ativo Fixo Tangível																										
Patentes, licenças, know-how ou conhecimentos técnicos não protegidos por patente																										
Outros intangíveis com o projeto																										
Ativo Fixo Intangível																										
Total Ativo Fixo																										
Outros Investimentos																										
Devedoras																										
Financiamentos																										
Estado e O.G. Públicos																										
Ativo Circulante																										
Financiamentos																										
Estado e O.G. Públicos																										
Passivo Circulante																										
Total Fundo de Manobra																										
Invest. Em Fundo de Manobra																										
Investimento Total																										
FINANCIAMENTO																										
Ano de Início do Projeto																										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	TOTAL												
Capital Social (1)																										
Reservas Sublegatárias																										
Total Fundos Próprios																										
Adiantamento (2)																										
Financiamento de Instituições de Crédito																										
Empréstimos por Organizações																										
Financiamento de Socos / Acretores																										
Suprimentos concedidos (3)																										
Outros dívidas a socios / acionistas																										
Financiamentos de Investimentos																										
Outros Passivos																										
Financiamento Rembolsável																										
Convenção em Prêmio																										
Debito Não Rembolsável																										
Outros																										
Total Capitais Alheios																										
Financiamento Total																										
(1) Novos capitais próprios (2) Resultados Líquidos + Depreciações e Amortizações + Imparidades + Provisões (3) Novos suprimentos a incorporar em capital próprio até ao encerramento do projeto																										
DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO PROJECTO																										
Ano de Início do Projeto																										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12													
RUBRICAS																										
Vendas e serviços prestados																										
Subsídios e subvenções																										
Ganhos/perdas impactadas de subsidiárias associadas e empreendimentos conjuntos																										
Variação nos inventários de produção																										
Trabalho para a própria entidade																										
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas																										
Financiamentos e serviços obtidos																										
Ganhos com o pessoal																										
Imparidade de investimentos (perdas/verbas)																										
Imparidade de dívidas a receber (perdas/verbas)																										
Provisões (perdas/verbas)																										
Imparidade de investimentos não depreciáveis/amortizáveis (perdas/verbas)																										
Aumentos/reduções de justo valor																										
Outros rendimentos e ganhos																										
Rendimentos suplementares																										
Outros																										
Outros ganhos e perdas																										
Impostos indiretos																										
Outros																										
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos																										
Depreciações de Depreciáveis de amortização																										
Imparidade de investimentos depreciáveis/amortizáveis (perdas/verbas)																										
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)																										
Juros e rendimentos financeiros obtidos																										
Juros e ganhos financeiros suportados																										
Resultado antes de impostos																										
Imposto sobre o rendimento do período																										
Resultado líquido do período																										
Resultado que antecede depreciações (líquido de impostos) incluído no resultado líquido do período																										
TESOURARIA																										
Dias																										
Prazo Médio Recebimentos das Operações																										
Prazo Médio Pagamentos das Operações																										
Prazo Médio Contas de Investimento Ativo Fixo																										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12													
Recebimentos das Vendas e serviços prestados																										
Recebimentos de Subsídios e subvenções																										
Recebimentos de Outros rendimentos e ganhos																										
Juros e rendimentos financeiros obtidos																										
Recursos de Financiamento																										
Entradas Totais																										
Pagamentos das Operações																										
Pagamento de Salários																										
Pagamento de Outros Ganhos e Perdas																										
Contas de Investimento Ativo Fixo																										
Contas de Financiamento																										
Impostos																										
Benefícios fiscais																										
Rendimentos Empresariais																										
Outros																										
Saídas Totais																										
Saldo de Tesouraria																										
Tesouraria Acumulada																										
CASH-FLOWS Pré - Imposto Sobre o Rendimento																										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12													
Total Recalcul Operacionais																										
Valor Resultado																										
Total Inflows																										
Total Cunks Operacionais																										
Total Cunks de Investimento																										
Total Outflows																										
Cash-Flow Líquido Sem Incentivos																										
Cash-Flow Líquido Com Incentivos																										
<table border="1" style="width:100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td></td> <td style="text-align: center;">VAL</td> <td style="text-align: center;">Tx de Retorno Com BF</td> <td style="text-align: center;">Tx de Retorno sem BF</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Sem Incentivos</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Com Incentivos</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>																VAL	Tx de Retorno Com BF	Tx de Retorno sem BF	Sem Incentivos				Com Incentivos			
	VAL	Tx de Retorno Com BF	Tx de Retorno sem BF																							
Sem Incentivos																										
Com Incentivos																										
CASH-FLOWS Pós - Imposto sobre o Rendimento																										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12													
Resultado Operacional antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos																										
Ganhos/verbas de depreciação e de amortização																										
Imparidade de investimentos depreciáveis/amortizáveis (perdas/verbas)																										
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)																										
Imposto sobre o Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)																										
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento)																										
Depreciações, Amortizações, Imparidades, Provisões, e Justo Valor																										
Total Cunks de Investimento																										
Valor Resultado																										
Benefício Fiscal																										
Cash-Flow Líquido Sem Incentivos																										
Cash-Flow Líquido Com Incentivos																										
<table border="1" style="width:100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="text-align: center;">VAL</td> <td style="text-align: center;">Tx de Retorno</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Sem Incentivos</td> <td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Com Incentivos</td> <td></td> </tr> </table>															VAL	Tx de Retorno	Sem Incentivos		Com Incentivos							
VAL	Tx de Retorno																									
Sem Incentivos																										
Com Incentivos																										